

35ª Reunião Brasileira de Antropologia

GT081: Gênero, sexualidade, raça e localização social: produção de diferenças e desigualdades na cidade

Coordenação: Prof. Dr. Ramon Reis (UEPA) e Prof. Dr. Roberto Marques (URCA)

**Título do trabalho:**

Cartografias da resistência: memória LGBTQIA+ e direito à cidade (Belém-PA)

**Autoria:** Ramon Reis (UEPA), Thiago Cabral (UEPA), Nicolas Tourinho (UEPA) e Iran Santos (UEPA)

UFG – Goiânia, Goiás (Brasil)

13 a 17 de julho – 2026

Ramon Reis (UEPA, Pará)<sup>1</sup>

Thiago Cabral (UEPA, Pará)<sup>2</sup>

Nicolas Tourinho (UEPA, Pará)<sup>3</sup>

Iran Santos (UEPA, Pará)<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a produção do espaço público urbano a partir de um projeto de extensão relacionada à memória LGBTQIA+ e o direito à cidade (Belém-PA). Buscamos compreender como são agenciadas as memórias, a ocupação dos espaços e seus acessos na dinâmica de interação das pessoas no contexto citadino analisado. Com base na produção de uma “cartografia sentimental” das memórias de acolhimento, sociabilidade e (in)segurança vivenciadas por pessoas LGBTQIA+, realizamos encontros semanais, em outubro de 2025, no centro (Espaço Marielle Franco, Bairro Marco) e na periferia (Ponto de Cultura Rompe-Mato e Jarina, Bairro Jurunas), com dez pessoas de gerações e identidades de gênero distintas, que dialogaram conosco repertoriando a cidade através da feitura de mapas afetivos e relatos sobre pertencimento. Ao observarmos a experiência LGBTQIA+ na cidade de Belém, tais processos desvelaram a produção de violências e apagamentos históricos. Ressaltamos, portanto, a importância de ações construídas pelos próprios sujeitos dissidentes, pois o direito a ocupar e vivenciar a cidade de forma plena se torna uma realidade quando todos os corpos e memórias ocupam o espaço público urbano sem exceção, não apenas como palco ou objeto e sim como mediadores na feitura das cidades, sobretudo na Amazônia que ainda é imaginada sob a alcunha de território não urbanizado.

**Palavras-chave:** direito à cidade; memória LGBTQIA+; Amazônia.

## Introdução

A cidade é mais do que um espaço físico, ela também é um lugar de letramento, disputa e afeto. Partimos desse pressuposto para colocar em prática uma análise antropológica, em desenvolvimento, que busca dar conta da compreensão sobre a possibilidade de ler a cidade de Belém (PA) em relação à produção de memórias LGBTQIA+.

A pesquisa em tela analisa a produção do espaço público urbano a partir de um projeto de extensão<sup>5</sup> sobre memória LGBTQIA+ e direito à cidade, em Belém (PA), com

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFCS/UEPA). E-mail: [ramon.pd.reis@uepa.br](mailto:ramon.pd.reis@uepa.br)

<sup>2</sup> Graduando em Ciências Sociais pela UEPA. E-mail: [t.cabral@aluno.uepa.br](mailto:t.cabral@aluno.uepa.br)

<sup>3</sup> Graduando em Ciências Sociais pela UEPA. E-mail: [n.cruzfilomeno@aluno.uepa.br](mailto:n.cruzfilomeno@aluno.uepa.br)

<sup>4</sup> Graduando em Ciências Sociais pela UEPA. E-mail: [iran.conceicao@aluno.uepa.br](mailto:iran.conceicao@aluno.uepa.br)

<sup>5</sup> Projeto de extensão aprovado no edital nº. 109/2025 (PROEX/UEPA), cuja finalidade dispunha sobre a execução de ações de extensão voltadas ao público LGBTQIA+.

o objetivo de compreender como são constituídas as disputas simbólicas e materiais que definem as memórias contadas, os espaços ocupados e os acessos privilegiados, criando mecanismos de exclusão definidos por relações de poder (Lefebvre, 1974). Aprovado em 2025, o projeto foi financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado do Pará (PROEX/UEPA), com a supervisão do Prof. Ramon Reis e a execução pelos alunos bolsistas Thiago Cabral e Nicolas Tourinho mais o apoio voluntário do aluno Iran Santos, graduandos em Ciências Sociais pela UEPA.

Intitulado *Cartografias da resistência*, o projeto buscou analisar as formas de ser/estar na cidade com base na produção de uma “cartografia sentimental” das memórias de acolhimento, sociabilidade e (in)segurança vivenciadas por pessoas LGBTQIA+, isto é, uma forma de narrar/experienciar a cidade que se faz em movimento, com base em afetos e desejos que são (re)visitados e (re)territorializados (Rolnik, 2011). Tratou-se não apenas de uma estratégia de afirmação identitária, mas de uma ação política voltada à construção de um memorial imaterial - espécie de mapa e/ou mapeamento afetivo (Acselrad, 2008) - do movimento LGBTQIA+ no Pará, reconhecendo a necessidade de fissurar a cidade rastreando espaços/lugares invisibilizados e/ou negados a corpos, sujeitos e prazeres dissidentes.

Com efeito, realizamos três encontros semanais, nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2025, no centro (Espaço Marielle Franco, Bairro Marco) e na periferia (Ponto de Cultura Rompe-Mato e Jarina, Bairro Jurunas), com dez pessoas de gerações e identidades de gênero distintas, que dialogaram conosco repertoriando a cidade através da feitura de mapas afetivos, relatos sobre pertencimento e análises filmicas.

No primeiro dia, desenvolvemos a *Oficina de Cartografia Afetiva: Memória LGBTQIA+* com vistas à recuperação de memórias individuais e coletivas das/dos participantes. Esse exercício de recuperação foi recebido por meio de uma acolhida inicial composta por uma roda de apresentação e uma dinâmica de aquecimento baseada em lembranças de cada uma/um, seguida de um disparo reflexivo com imagens e ícones históricos do movimento LGBTQIA+.

No segundo dia, produzimos a *Oficina Manifesto LGBTQIA+* direcionada à reflexão crítica sobre envelhecimento LGBTQIA+, identificando desafios e projetando futuros possíveis por meio da arte e da escrita. Propomos, com isso, uma roda de conversa sobre temas como solidão, saúde e redes de apoio, seguida por um disparo criativo com a leitura de manifestos históricos e artísticos.

Dedicamos o terceiro dia para a construção de um *Sarau pela Memória e Resistência LGBTQIA+*, um momento de celebração pública e artística do que foi produzido. As cartografias e os manifestos foram expostos, sendo acompanhados por performances e interpretações de poemas e músicas, além da construção de um memorial composto por fitas coloridas dedicadas à memória de uma pessoa LGBTQIA+. Para este texto, optamos em analisar apenas o primeiro e o segundo dia porque tivemos alguns problemas estruturais de execução no terceiro dia, além da baixa adesão e das condições climáticas desfavoráveis.

Tamanha investida nos conduziu para a reflexão de que a cidade deve ser pensada com e para as pessoas, na esteira das contribuições de Joice Berth (2025), e não subordinada à lógica urbano-industrial. Ao observarmos atentamente a experiência LGBTQIA+ na cidade de Belém, do ponto de vista da sociabilidade, especialmente antes da pandemia de Covid-19, a interação com o tecido social urbano, em se tratando de gays e lésbicas, era marcada majoritariamente pela frequência deles e delas em boates e bares direcionados a esse público (Reis, 2012; Ribeiro, 2012).

No espaço-tempo dos anos 2010 até o pós-pandemia de Covid-19, a partir de 2020, essa sociabilidade se fragmentou em meio ao paulatino enfraquecimento (e em muitos casos desaparecimento) dos antigos espaços de sociabilidade e o advento das festas temáticas direcionadas a grupos específicos em espaços fechados ou em ruas e avenidas de ampla circulação, efeito percebido no país de forma mais ampla (Palomino, 2024). Relacionando memória LGBTQIA+ e direito à cidade em uma capital amazônica, é sintomático perceber que, independente das transformações socioespaciais e históricas, as pessoas travestis e transexuais que participaram do projeto ressaltaram o quanto continuam vivenciando uma cidade marcada pela violência, o silenciamento e o apagamento histórico.

Somado a isso, destacamos a negligência dos gestores municipais em relação à pauta do envelhecimento LGBTQIA+, aspecto decisivo na organização da memória coletiva (Halbwachs, 2006) em períodos de repressão e resistência, fundamental, inclusive, para a compreensão da história do movimento LGBTQIA+ pelas novas gerações. Nesse sentido, o projeto nos permitiu reconhecer a cidade como um marcador social de diferença que dá sentido e significado aos processos de identificação resultantes da relação que as/os participantes criaram com bairros, ruas, avenidas, praças e demais equipamentos públicos urbanos.

Rer as dinâmicas urbanas desse ponto de vista, desde uma capital amazônica, significa ressaltar a importância de ações construídas pelos próprios sujeitos dissidentes, pois o direito de ocupar e vivenciar a cidade de forma plena se torna uma realidade quando todos os corpos e memórias ocupam o espaço urbano sem exceção, não apenas como palco ou objeto e sim como mediadores na feitura das cidades, sobretudo na Amazônia que ainda é imaginada sob a alcunha de território não urbanizado.<sup>6</sup>

### **Direito à cidade e memória LGBTQIA+ flexionadas para o gênero feminino: ponto de partida**

Os primeiros apontamentos teórico-metodológicos do projeto *Cartografias da resistência* tiveram como base a pesquisa de doutorado de Ramon Reis (2016), intitulada *Cidades e subjetividades homossexuais: cruzando marcadores da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém*, mais especificamente sobre a trajetória pessoal e profissional de Ângela Quaresma, uma mulher lésbica moradora do bairro do Guamá, periferia de Belém (PA), e proprietária do bar Refúgio dos Anjos.

Não se trata, neste momento, de uma análise detalhada dessa trajetória e tampouco da história do bar, mas do quanto esses aspectos são ilustrativos para refletirmos sobre o direito à cidade (leia-se: os sentidos de pertencimento) e a produção de uma memória LGBTQIA+. Com efeito, aventar a possibilidade de cartografar sentimentalmente esse processo é uma forma de olhar com mais atenção para o lugar social que a cidade e/ou o espaço urbano ocupam na constituição de vivências LGBTQIA+. Acreditamos, nesse sentido, que esse exercício cartográfico relacionado à produção de etnografias móveis (Mano, 2025) cumpre exatamente a função de compreender como a cidade grafa no corpo e na andança dos sujeitos os seus modos de ser/estar no mundo, isto é, de habitar e se sentir pertencente. Isso para dizer que o direito à cidade e a memória LGBTQIA+, desse ponto de vista, são constituídos em movimento porque dependem de quem fala e do espaço-tempo em que são acionados.

---

<sup>6</sup> Parte desse imaginário está fincado em um projeto de sociedade que, mesmo reconhecendo a complexidade das cidades amazônicas, torna-as inteligíveis por meio de um processo de dependência do que é o seu oposto, as grandes cidades que estão fora do território Amazônico. Do ponto de vista de uma antropologia urbana, a história de formação desse campo na Amazônia (leia-se: Pará) teve/tem influência direta dos estudos de comunidade seja para reconhecer as linhagens que constituíram uma espécie de escola de produção de pesquisas urbanas em Belém e nas cidades do interior, seja para tornar representativo, embora com menor ressonância atualmente, a ideia de que a Amazônia é um “paraíso dos naturalistas” (Costa, 2009).

O exercício de (re)ler a trajetória de Ângela é importante exatamente porque nos convida a perceber a cidade (de Belém) não apenas como um conceito, mas também um marcador social de diferenças. Trata-se, nesse sentido, da possibilidade de problematizar a cidade desde um ponto de inflexão que nos leve a entendê-la como produtora de desejos e acessos. Era, afinal, isso que Ângela e sua família, naturais de Abaetetuba (PA), almejavam quando se mudaram para Belém: *mudar de vida*, nos idos da década de 1980.

Imagem 01: Ângela e a filha construindo o quintal da casa.



Fonte: Arquivo pessoal de Ângela [s.d.].

O olhar mais detido para o cruzamento entre cidade, mobilidade e trajetória nos auxilia a encarar o desafio de refletir sobre três aspectos fundamentais: a disponibilidade, o significado e a frequência (Cresswell, 2009), que juntos geram forças atrativas e opostas atuantes na compreensão de como são constituídos acessos e desejos de cidade, especialmente o entendimento de que a constituição de identidades homossexuais fora dos chamados “grandes centros urbanos” requer uma atenção para o processo de

generificação, sexualização, espacialização e circulação do sujeito (Puccinelli; Reis, 2020). A esse respeito, a possibilidade de Ângela de *mudar de vida*, saindo de Abaetetuba para Belém, também tinha como sinônimo a mudança de cidade.

Ao colocarmos lado a lado a noção de mobilidade com o direito à cidade e a memória LGBTQIA+ nas andanças de Ângela, chegamos a um ponto nevrálgico no que se refere ao modo como ela vivenciou/vivencia a cidade, nesse caso, flexionando-a para o gênero feminino. A esse respeito, Ângela nos ensina a disputar a cidade seja pelo enfrentamento com a polícia a partir da acusação de aliciamento de menores no então bar A arte de pecar (atual Refúgio dos Anjos), em 1997,<sup>7</sup> seja na relação inicialmente tensa com a vizinhança pela associação que faziam do bar com situações de *perigo* e *contaminação*.

Imagem 02: Apresentação de Drag Queens no bar Refúgio dos Anjos.



Fonte: Arquivo pessoal de Ângela [s.d.].

Podemos perceber nas duas imagens acima que ambas sinalizam para uma cartografia que é sentimental porque também é situacional (Massey, 2013), uma possibilidade analítica de compreender o espaço urbano desde a criação de rotas alternativas, que podem se desdobrar em concepções de mundo não apenas vinculadas ao lugar de origem, assim como em uma tática insurgente para resistir e sobreviver. Além da questão espacial, o componente subjetivo da experiência de Ângela faz total sentido ao

---

<sup>7</sup> O bar foi inaugurado no dia 13 de setembro de 1996. O jogo de forças entre Ângela e a polícia escancara uma realidade local ligada diretamente a posições de confronto de agentes do estado com a população LGBTQIA+. Somado a isso, a localização do bar em um contexto periférico elucida o modo como determinados agrupamentos militares agem, quase sempre de forma truculenta.

sera colocado em perspectiva à luz da categoria de “autodefinição” aventada por Patricia Collins (2019), como forma de escrutinar determinada experiência de deslocamento atravessada por toda sorte de situações que se tornaram decisivas em seu processo de afirmação identitária. Ângela se fez e refaz diariamente pela/na cidade. Trata-se de uma existência (co)extensível (Reis, 2021).

A memória que Ângela nos permite adentrar, nesse sentido, é balizada pelo que Judith Butler (2018) chamou de “esferas de aparecimento”, evidenciando o processo de constituição de alianças a partir da ocupação de espaços públicos urbanos por sujeitos dissidentes ou da criação de espaços de convívio em condições socialmente desfavoráveis, tornando factível o que Henri Lefebvre (1974) nomeou de “direito à cidade”.

O movimento analítico acima se constituiu como uma forma de (re)ler um pequeno fragmento da trajetória de uma mulher amazônida de modo mais amplo, entendendo que cidade e espaço também produzem sujeitos, constituindo a possibilidade de pensar a cidade, desta feita, sob uma ótica feminista (Kern, 2021) ou flexionada para o gênero feminino (Barreto, 2022). Parte desse debate resvala no tempo presente, quando termos como diversidade sexual, direitos sexuais e “democracia sexual” (Fassin, 2010) ressaltam a insurgência de ativismos contemporâneos cada vez mais interessados em questionar estatutos citadinos que pretendem tornar autorreferente e totalitária as formas de ocupação e expressão urbana relacionadas ao gênero e à sexualidade, especialmente nas situações em que a noção de diferença é cooptada pelo mercado (Sabsay, 2011; França, 2006; 2012).

Após esse breve recuo no espaço-tempo, com vistas a situar a/o leitora/leitor sobre o nosso ponto de partida, apresentaremos, a seguir, a concepção e partes da execução do projeto Cartografias da resistência, com ênfase para os dois primeiros dias de realização das atividades, 7 e 14 de outubro de 2025 respectivamente.

### **O projeto Cartografias da Resistência**

O projeto de extensão *Cartografias da Resistência: memória LGBTQIAPN+ e direito à cidade* surgiu de uma convergência de trajetórias e propósitos no ambiente acadêmico da UEPA. Gestado originalmente como uma ação de desdobramento do Projeto de Iniciação Científica *A produção de conhecimento em gênero e sexualidade na Amazônia: um balanço das teses e dissertações sobre travestis e transexuais nos PPG em*

*Antropologia da UFPA – PPGSA e PPGA (2015-2024)*, orientado pelo Prof. Ramon Reis, a proposta de extensão tomou forma a partir da união de expertises complementares: de um lado, o ativismo de Nicolas Tourinho no movimento LGBTQIA+ do estado e no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); de outro, a atuação de Thiago Cabral nas artes visuais e na educomunicação. Essas articulações foram fundamentais para o fortalecimento das bases teórico-metodológicas do projeto inicial, sobretudo na junção de uma série de expertises para o cumprimento de um edital voltado à população LGBTQIA+, e para a transformação do nosso acúmulo teórico em uma ferramenta de intervenção direta nos espaços em que as ações foram executadas.

O nosso objetivo geral era promover processos educativos intergeracionais sobre educação e direito à cidade por meio da construção e lançamento de um mapa afetivo-social da memória LGBTQIA+ em Belém, com base em três eixos: (i) desenvolver uma formação política inicial sobre direito à cidade e educação popular; (ii) valorizar memórias de pessoas idosas LGBTQIA+, promovendo diálogo intergeracional; e, (iii) coletar narrativas e percepções de lugares de memória, sociabilidade e (in)segurança LGBTQIA+ em Belém.

Perseguir a noção de direito à cidade (Lefebvre, 1974) era uma forma de compreendermos as possibilidades de uso, apropriação e transformação da cidade a partir das necessidades, desejos e sentidos de pertencimento de seus habitantes. A educação, nesse contexto, é uma ferramenta essencial de problematização das desigualdades e da construção de caminhos de resistência. Ao articularmos educação e direito à cidade, buscamos tornar visível a diversidade de experiências LGBTQIA+, colocando-as em perspectiva. Além de um produto cartográfico, tratou-se de um instrumento educativo, político e cultural, fortalecendo identidades e fomentando debates públicos relacionados à inclusão, educação popular, cidadania, visibilidade, representatividade e transformação social.

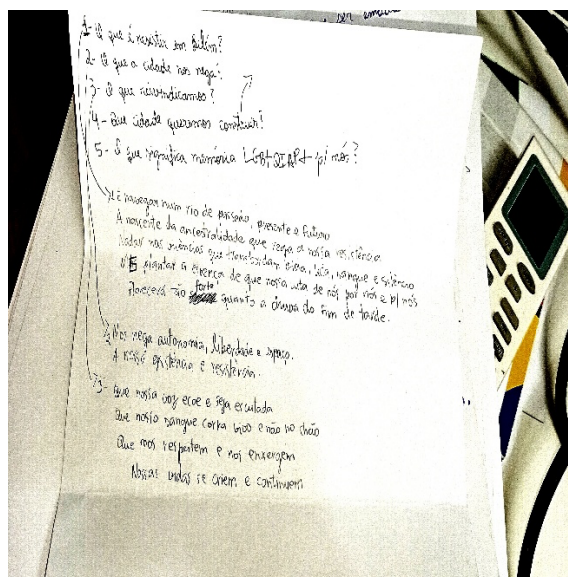
As atividades foram realizadas nos dias 07, 14 e 21 de outubro de 2025. Os dois primeiros encontros ocuparam o Espaço Político e Cultural Marielle Franco, situado no bairro Marco,<sup>8</sup> enquanto o encerramento ocorreu no Ponto de Cultura Rompe Mato de

---

<sup>8</sup> Considerado uma área de classe média, com crescente processo de verticalização. Nele se concentram vários órgãos públicos, unidades educacionais e estabelecimentos comerciais, inclusive bares e restaurantes. Um de seus maiores símbolos é o Bosque Rodrigues Alves, que conta com 15 hectares de mata nativa preservada. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/bairro-do-marco-representou-a-expansao-da-cidade-em-direcao-a-primeira-legua-patrimonial-1.765378>>. Acesso em: 28 jun. 2026.

Jarina, no bairro Jurunas.<sup>9</sup> Ao longo desses dias, discutimos o direito à cidade sob a ótica da visibilidade do que se evoca/enuncia, utilizando a memória afetiva, no sentido dado por Pierre Nora (1993) para a constituição de “lugares de memória” viva e comunitária, como o principal fio condutor para a construção de um “mapa/mapeamento afetivo e experimental” (Cieri, 2003; 2006). Essa metodologia permitiu que os participantes identificassem espaços de acolhimento, dor e resistência na cidade, culminando na escrita de um manifesto coletivo com os seguintes direcionamentos: (i) o que significa existir?; (ii) o que a cidade nos nega?; (iii) o que reivindicamos?; (iv) que cidade queremos construir?; e, (v) o que significa memória LGBTQIA+?

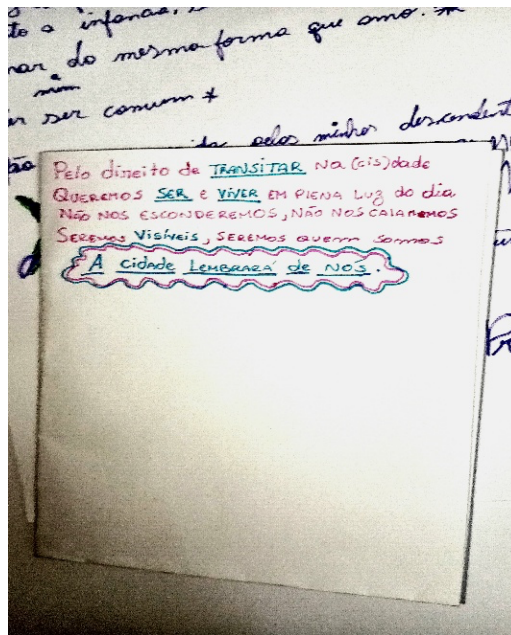
Imagem 03: Eixos de orientação do manifesto.



Fonte: Arquivo pessoal Thiago Cabral, 2025.

<sup>9</sup> “[...] o bairro do Jurunas situa-se, ao mesmo tempo, próximo e distante do centro da cidade. Ao mesmo tempo em que não é caminho ou passagem obrigatória ligando o centro aos demais bairros de Belém, a não ser para alguns bairros contíguos e também periféricos (Guamá, Condor, Cremação), comunica-se facilmente com os bairros mais centrais, através de amplas ruas asfaltadas, pelas quais pode-se chegar com certa facilidade, mesmo em um percurso a pé.” (Rodrigues, 2008, p. 147).

Imagem 04: Manifesto individual.



Fonte: Arquivo pessoal Thiago Cabral, 2025.

Como um marcador social, é oportuno observar a forma na qual a cidade preenche as memórias de quem participou das atividades, a ponto de criar lugares de enunciação para fins que ultrapassem qualquer tentativa de captura por uma lógica meramente espacial. O direito à cidade, visto como garantia de pertencimento, reconhece tanto o ir e vir das e dos transeuntes quanto suas existências e vivências. Não à toa um dos participantes escreveu: *a cidade lembrará de nós*. Isso não tem a ver exclusivamente com a história de lugares e/ou pessoas que já se foram, mas com o campo do sensível em relação ao modo como determinado fragmento historiográfico é lembrado (Nora, 1993).

A condição de ser visível, por exemplo, para enunciar uma existência na cidade indica caminhos possíveis na compreensão de como os espaços públicos urbanos podem ser concebidos com vistas a humanizar as relações, sejam elas institucionais ou não. A ideia da lembrança que resiste ao tempo funcionando como um vetor para o entendimento coletivo de que o que aconteceu em um momento específico da história não deve ser usufruto de uma memória estática, é uma forma de ampliar o nosso repertório sobre cidade e memória. Lembrar, nesse sentido, é tornar visível não apenas um legado como forma de letramento intergeracional, mas também reconhecer que esse mesmo legado, sempre que for acionado, continua a movimentar e transformar toda a estrutura.

Do ponto de vista do envelhecimento LGBTQIA+, o recorte acima traz à tona uma dimensão frequentemente negligenciada no debate público: pessoas idosas dessa parcela

da população carregam memórias fundamentais sobre espaços de sociabilidade, resistência e repressão, mas permanecem invisibilizadas tanto nas políticas públicas quanto nos movimentos sociais, esse é, inclusive, um dos aspectos primordiais dos debates contemporâneos acerca da crítica ao apagamento da diversidade sexual e de gênero na velhice (Henning, 2020). Valorizar essas narrativas é não apenas um ato de reconhecimento histórico, mas também um exercício pedagógico intergeracional que aproxima juventude e velhice na construção coletiva da memória.

É essa forma de lembrar que chamamos de cartografar a resistência, hackeando a cidade e o mapeamento de lugares (Erle *et al*, 2005) para criar alternativas de ser/estar nos espaços públicos urbanos. Hackear, aqui, significa ocupar o espaço de forma não apenas simbólica, mas deixar uma marca indelével onde queriam que houvesse apagamento. Embora tenhamos enfrentado desafios significativos, como a falta de incentivo financeiro institucional e um quórum numericamente reduzido, entendemos que o valor qualitativo das trocas superou as barreiras estruturais e logísticas.

A despeito do projeto não ter sido finalizado, os resultados preliminares que apresentamos desvelam a complexidade da relação entre cidade e memória LGBTQIA+ desde uma cidade amazônica. O nosso ponto alto continua sendo a questão intergeracional, que será desdobrada em outras análises *a posteriori*. De antemão, vale ressaltar que a participação de três gerações distintas de sujeitos nos permitiu uma troca de saberes onde a experiência dos mais velhos se fundiu a um protagonismo insurgente das novas gerações em relação ao uso constante de recursos tecnológicos. Essa diversidade nos fez compreender que a cidade é um campo de disputa constante. Historicamente, o “vencedor” dessa disputa detém o monopólio da narrativa e trabalha para que populações marginalizadas não apareçam na historiografia oficial.

### ***A cidade lembrará de nós***

A quem a cidade se destina e de que modo a circulação pelo espaço público urbano se constitui como uma forma de resistência? Problemáticas que nos desafiaram ao longo do desenvolvimento do projeto de extensão *Cartografias da resistência*, desvelando-nos uma Belém excludente, que foi descortinada, a partir das experiências narradas, desde uma perspectiva de cidade que muitas vezes se apresentou como um espaço desigual para corpos dissidentes.

Imagem 05: A construção dos mapas afetivos



Fonte: Arquivo pessoal Thiago Cabral, 2025.

Durante a construção dos mapas, identificamos que o ato de ocupar a cidade e usufruir de seus equipamentos se constituem como possibilidades materiais de transitar pela cidade sem o medo do apagamento, da violência, do preconceito e da exclusão. A construção de um espaço de diálogo foi decisiva para o reconhecimento sobre o lugar social que as/os participantes ocupam em relação à experiência urbana que cada uma/um construiu, destacando como a cidade interfere diretamente na produção de narrativas LGBTQIA+ sobre infância, adolescência, vida adulta, escola, família e velhice.

Tais percepções nos ajudaram a reconhecer a materialidade dos processos de identificação e diferenciação na forma de narrar a si próprio em contato com a cidade. A partilha das experiências e a escuta das diferentes percepções sobre ser/estar em Belém nos permitiu adensar as nossas reflexões com base em duas perguntas acionadas por um dos participantes, quais sejam: *onde a cidade nos acolhe? Onde ela nos ignora, tornando-nos invisíveis?* Em ambos os questionamentos, há uma série de desdobramentos que nos convidam a (re)imaginar uma cidade no sentido de reinvesti-la, analiticamente falando, tanto para um olhar sobre os seus mitos de origem quanto através de uma percepção de história ativa, que é tecida nos trajetos de ônibus, nas esquinas, nas universidades, nas nossas casas, paragens e andanças, isto é, que se produz em movimento.

Nesse sentido, esse caráter móvel do projeto oportunizou um momento de reflexão sobre quais corpos e/ou corporalidades podem se reconhecer como cidadinas, já que, no caso das pessoas travestis e transexuais, a cidade as/os atravessa para fins exploratórios, espécies de sujeitos-cobaia, que ora são aceitas/os mediante controle absoluto, ora são colocadas/dos em situação de extrema vulnerabilidade social.

Um dos pontos altos do projeto foi a construção dos manifestos de resistência, momento no qual cada participante ficou responsável por repertoriar as suas vivências colocando no papel suas dores, desejos e perspectivas particulares sobre habitar a cidade. Ao serem reunidas todas as vivências em um único texto, alcançamos um entendimento coletivo de como os marcadores sociais de gênero, raça, classe, geração e cidade interferem diretamente na construção de grupos, afinidades, pertencimentos e memórias, reinventadas cotidianamente por situações que envolvem a violência, o medo, o risco, a vulnerabilidade, a coragem e o desejo de liberdade.

O projeto em tela propõe uma retomada da cidade de Belém por meio de uma cartografia afetivo-sentimental capaz de produzir outros modos de ser/estar na cidade desde a vivência LGBTQIA+, oportunizando que suas memórias e identidades continuem sendo lembradas como garantias de exercício pleno da cidadania, de letramento intergeracional e da feitura de espaços públicos urbanos menos desiguais.

Reconhecemos o compromisso coletivo de dialogar sobre resistência, memória LGBTQIA+ e direito à cidade na Amazônia, um território marcado historicamente por fantasias coloniais relacionadas à conquista e à suposição da inesgotabilidade dos recursos naturais. Falamos de uma Amazônia urbanizada, do ponto de vista de uma cidade permeada por processos de silenciamento e invisibilidade da população LGBTQIA+. Reconhecer essas experiências é uma forma de legitimá-las, tirando-as da condição de elemento figurativo e colocando-as no lugar de cidadinas porque recriam táticas de sobrevivência em espaços públicos urbanos excludentes.

## **Referências bibliográficas**

ACSERALD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

BARRETO, Lourdes. **Putá autobiografia**. Belém (PA): Paka-Tatu, 2022.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismos e opressões nas cidades**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CIERI, Marie. **Practicing “Artography”**. Paper at the Association of American Geographers Annual Conference. Chicago, 2006.

CIERI, Marie. Between being and looking. Queer tourism promotion and lesbian social space in Greater Philadelphia. **ACME: An International E- Journal for Critical Geographies**, v. 2, p. 147-66, 2003.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Antônio Maurício Dias. Pesquisas antropológicas urbanas no “paraíso dos naturalistas”. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 735-763, 2009.

CRESSWELL, Tim. Seis temas na produção das mobilidades. *In*: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto (orgs.). **A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos**. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 25-40.

ERLE, Schuyler *et al.* **Mapping Hacks**. Sebastopol, CA: O’Reilly and Associates, 2005.

FASSIN, Eric. National Identities and Transnational Intimacies: Sexual Democracy and the Politics of Immigration in Europe. **Public Culture**, USA, v. 22, n. 3, p. 507-529 2010.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, SP, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENNING, Carlos Eduardo. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 133-158, 2020.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

MANO, Apoená. **Do atrito à ação: uma etnografia móvel sobre desigualdades socioespaciais**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Paulo, SP, 2025.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PALOMINO, Erika. **Babado forte**: 35 anos de cultura jovem no Brasil. São Paulo: Ubu, 2024

PUCCINELLI, Bruno; REIS, Ramon. “Periferias” móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, (58), 2020.

REIS, Ramon. Afetividades (co)extensíveis em “periferias” urbanas: (homo)sexualidades, amizades e pertencimentos. **Cadernos Pagu**, Campinas, (61), 2021.

REIS, Ramon. **Cidades e subjetividades homossexuais**: cruzando marcadores da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, SP, 2016.

REIS, Ramon. **Encontros e desencontros**: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, PA, 2012.

RIBEIRO, Milton. **Na rua, na praça, na boate**: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, PA, 2012.

RODRIGUES, Carmem Izabel. O Bairro do Jurunas, à Beira do Rio Guamá. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 143–156, 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SABSAY, Leticia. **Fronteras sexuales**: espacio urbano, cuerpos y ciudadanía. Buenos Aires: Paidós, 2011.